

COMUNIDADES VIRTUAIS SOBRE FILMES DE TERROR NO ORKUT: UM ESTUDO COM BASE NAS FORMAÇÕES IMAGINÁRIAS E NA PRESENÇA DO OUTRO

Rafael Leal VITOLA (Universidade Católica de Pelotas)

ABSTRACT: *The present research analyzes how the aspects involving imaginary formations, from Michel Pêcheux, and presence of the other, from Jacqueline Authier-Revuz, function in virtual communities about horror movies at Orkut. It highlights the way members of those communities take positions in relation to themselves and other members, which creates preconceptions.*

KEYWORDS: *Orkut; virtuality; imaginary formations; presence of the other; preconception.*

0. Introdução Quando falamos em *Internet*, é comum que páginas e programas destinados à criação de vínculos sociais ganhem destaque, uma vez que tal criação é um dos grandes objetivos desse meio de comunicação. Em relação às páginas de relacionamento virtual, sem dúvida nenhuma a do *Orkut*, no Brasil, é a mais utilizada entre elas. Tendo em vista que ainda é pequeno o número de trabalhos de pesquisa realizados a partir da análise de dados retirados desse *site*, o presente artigo tem por finalidade explorar essa lacuna.

Pretendemos, com este trabalho, observar como as questões da formação imaginária, com base em Michel Pêcheux, e da presença do outro, com base em Jacqueline Authier-Revuz, fazem-se presentes em comunidades do *Orkut* destinadas ao debate sobre filmes de terror. Em uma primeira etapa, torna-se necessário caracterizar o ambiente virtual proporcionado pela *Internet*. Para isso, são tomadas como base idéias do filósofo francês Pierre Lévy, que traz importantes contribuições sobre *virtualidade* e *ciberespaço*. Outra importante noção é a de *dessincronização*, proposta por Michel Serres, que cria um ambiente para a apresentação do *corpus* desta pesquisa – a saber: tópicos de discussão das comunidades “Filmes de terror” e “Mortes Inesquecíveis do Cinema”. Após essa apresentação, as questões supracitadas de Pêcheux e Authier-Revuz são expostas e aplicadas a comentários de internautas extraídos do *corpus*.

1. Orkut: relacionamentos em um ambiente virtual A *Internet* nos oferece a possibilidade de interagirmos com pessoas do mundo inteiro. Embora haja fronteiras físicas separando os países, as quais não permitem que nos desloquemos livremente entre eles (é preciso passaporte, visto etc para que possamos entrar fisicamente em outros países), programas como IRC, ICQ, MSN e Skype, disponíveis no ambiente virtual aqui abordado, desconhecem essa noção de fronteira. Tais programas permitem que entremos em contato, a qualquer momento, com alguém que esteja em qualquer lugar do mundo.

Ao abordar a questão da virtualidade, Pierre Lévy (1999) tece uma série de observações bastante pertinentes com relação à ausência de fronteiras supracitada: “é virtual toda entidade ‘desterritorializada’, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem contudo estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular” (1999, p. 47). O filósofo pontua que, “quando uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação se virtualizam, eles se tornam ‘não-presentes’, se desterritorializam” (1996, p. 21). Dessa forma, independentemente da localização geográfica dos internautas, a interação entre os mesmos ocorrerá sem impedimentos.

O ambiente virtual trabalhado neste artigo, como já mencionado, é a *Internet*, que constitui um *ciberespaço*, ou *rede*. É também de Lévy (1999) a definição de rede aqui utilizada, como sendo “o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores” (p. 17). O *ciberespaço*, além de permitir o estabelecimento desterritorializado de vínculos sociais, concentra uma imensurável quantidade de informações, estando à disposição do internauta permanentemente, onde quer que ele esteja. Não é mais preciso sair de casa para comprar a Folha de S. Paulo, por exemplo; basta entrar na FOLHAONLINE (www.folha.com.br) para ter acesso às informações dispostas nessa publicação.

Em relação à criação de vínculos sociais, há vários *sites* com esse propósito na rede, desde os destinados a namoros, como www.parperfeito.com.br, que se auto-intitula “o líder absoluto em namoro e relacionamentos no Brasil”, aos inúmeros fóruns de discussão. Estes existem tanto em páginas dedicadas exclusivamente a eles – como www.consciencia.org/forum, destinada à filosofia – quanto em páginas de caráter geral que abrem a possibilidade para seus usuários debaterem sobre determinados assuntos. O *site* de informações www.terra.com.br, por exemplo, abre espaço, na seção de esportes, para os usuários comentarem sobre o Campeonato Brasileiro de futebol.

Dentre os diversos *sites*, o *Orkut* (www.orkut.com), indubitavelmente, transformou-se no ambiente de relacionamentos mais popular do *ciberespaço* no Brasil. Para fazer parte dele, é preciso ser convidado por alguém que já esteja associado ao mesmo, para só assim poder criar seu próprio perfil, o qual contém foto(s) e dados pessoais, embora não seja obrigatório fornecê-los. Os dados pessoais sugerem uma descrição exaustiva do

associado, dividindo-se em três seções: *social*, *profissional* e *pessoal*. A seção *social* subdivide-se em *geral* (com informações como “quem sou eu”, “etnia”, “visão política” e “orientação sexual”), *interesses* (contendo “livros”, “músicas”, “cinema”) e *contato* (com “e-mail”, “telefone” etc). A seção *profissional* fornece dados como “escolaridade”, “profissão” e “página web da empresa”. Já a seção *pessoal* possui campos como “o que mais chama a atenção em mim”, “tipo físico”, “o que me atrai” (entre as opções de escolha para esse campo, encontramos desde “inteligência” a “nadar nu”) e “com os relacionamentos anteriores aprendi:”.

Olhando-se a disposição gráfica dos perfis dos associados, não é difícil notar que uma das grandes características da página é o estímulo à popularidade: a primeira informação, ao lado da coluna onde se situa o nome da pessoa, é o número de amigos que ela tem – verdadeiros ou não. A necessidade de se atingir um número considerável de amigos virtuais foi responsável pela criação de muitas comunidades destinadas a adicionar (*add*) pessoas, como a “Adicionar como amigo”, com cerca de 22.000 membros, cujo lema é “Precisa explicar? Apenas entre, adicione e seja adicionado” e a “ATÉ MEUS INIMIGOS ESTÃO ME ADD”, com aproximadamente 52.000 membros, cuja descrição é bastante indicativa:

Uma comunidade feita pra vc que tem até seus inimigos querendo te adicionar no ORKUT. Aquelas pessoas que sempre foram FALSAS, INTERESSEIRAS e sempre falavam mal de você para os outros ou que nunca nem olharam para sua cara, agora *querem fazer volume* as suas custas. [grifo meu]

Participar de comunidades é uma boa maneira de se fazer amigos no *Orkut*. Divididas por temas envolvendo arte, moda, música, política, esportes e muitos outros, elas são formadas por sócios os quais debatem ou simplesmente expõem sua opinião, sem haver a manutenção de um diálogo, sobre os mais diversos assuntos. Sobre a questão das comunidades, Lévy (1999) observa que as “‘comunidades virtuais’ realizam de fato uma verdadeira atualização (no sentido da criação de um contato efetivo) de grupos humanos que eram apenas potenciais antes do surgimento do ciberespaço” (p. 130). Os teóricos Jonassen, Peck e Wilson (1999) têm a concepção de que um grupo torna-se uma comunidade quando as pessoas que dele fazem parte sentem-se unidas por algo forte e duradouro, como um objetivo compartilhado. Os autores observam que uma comunidade se desenvolve através de um conjunto de valores compartilhados o qual se reflete em uma cultura local, possuindo suas normas, práticas, rituais e linguagem (p. 142).

Apenas para se ter um exemplo de como as comunidades do *Orkut* são variadas, temos desde a intitulada “Igualdade Social”, com aproximadamente 16.000 membros, que clama, como o próprio nome indica, pela vitória da igualdade social, à intitulada “Eu amo o Seu Madruga”, personagem do programa humorístico *Chaves* – apresentado pelo SBT – a qual conta com quase 400.000 membros e possui a seguinte descrição:

Homenagem pro cara mais style da TV: mexicana, brasileira e mundial. Seu nome eh Seu Madruga (Ramón Gomez Valdez Castillo). Grande personagem das séries mexicanas, como sempre alegrando todos mesmo após a sua morte!! Idade: 65 anos. Nasceu em 1923 e morreu no dia 9 de agosto de 1988, vítima de câncer no pulmão. Vamos entrando fãs do Madruga!

Como dito anteriormente, nem sempre há a manutenção de um diálogo nos tópicos de discussão criados pelos membros das comunidades do *Orkut*. Em grande parte dos casos, o criador do tópico formula uma pergunta, e os sócios da comunidade a respondem em seqüência (os que tiverem interesse em respondê-la, obviamente), sem que haja réplica por parte do autor. Uma característica desse *site* é que, diferentemente de um *chat*, por exemplo, não há necessariamente uma sincronia entre o criador do tópico e os demais membros da comunidade. Sobre essa dessincronização, Michel Serres (1994) afirma que

projectado pelos nossos usos, adaptado aos nossos modos de viver, construído e suscitado entre nós; flutuante, global e igualmente local; ausente, é verdade, mas presente; técnico, porque ligado a construções, funcionamentos e conexões de artefactos e, no entanto, humano, pois os nossos grupos, antigos, aí se encontram, enquanto se formam novos, o espaço virtual não tem as mesmas relações com o tempo que o espaço do mundo, submetido tanto ao simultâneo como ao inevitável; ele pode, com efeito, negociar, pouco oportunamente, uma análise que destrói em parte a obrigação de simultaneidade dessincronizando a emissão e a recepção, por exemplo. Posso ouvir amanhã o que tu me disseste ontem, ou ver esta noite imagens emitidas anteriormente (p. 183).

O *Windows Live Messenger*, programa para conversações em tempo real, é um bom exemplo disso. Mesmo que alguém esteja *offline*, é possível enviar mensagens a essa pessoa, que serão recebidas no momento em que ela acessar novamente o programa. Diferentemente de um e-mail, as mensagens aparecem em uma janela de conversação, que pode continuar sendo utilizada normalmente tão logo os participantes estejam *online*. Uma

rápida análise dos tópicos criados na comunidade “Filmes de terror”, que adiante será analisada de forma mais detalhada, já é suficiente para que detectemos a dessincronização citada por Serres:

tópico: A Caverna

Gomes - **A Caverna** 08/07/2006 16:39

Terror ou ficção?

Андре - 08/07/2006 17:17

Terror...

pois a "ficção" apresentada no filme não chega a ser tão impossível, é difícil, claro mas teoricamente seria um tipo de "evolução" de uma espécie. (...)

beth - 17/07/2006 20:44

Achei bonzinho.É meio parado,mas tem um visual de clausura que torna mais ameaçador.

Daniel - 22/07/2006 10:57

"Ficção" é dose

Como é possível perceber, há um intervalo de pouco menos de uma hora entre a criação do tópico, por parte de Gomes, às 16h39min, e o surgimento da primeira resposta ao mesmo, de Андре, às 17h17min. Entre a primeira e a segunda respostas, o intervalo é maior: nove dias. Há inclusive a presença de um comentário desviante do assunto original proposto para a discussão. Ressalte-se que nem todos os tópicos da comunidade “Filmes de terror” funcionam da mesma forma; há alguns que recebem respostas com frequência bem maior, assim como há comunidades bem mais dinâmicas – a “Campeonato Brasileiro 2006” (com cerca de 16.000 membros), por exemplo, recebe diariamente uma grande quantidade de tópicos e comentários. É importante salientar também que tanto o tópico “A Caverna” quanto os outros a serem utilizados não se apresentam aqui em sua totalidade – são apenas fragmentos.

Outro fato que já foi citado e que se encontra exemplificado no fragmento de tópico exposto é a ausência de manutenção de um diálogo. O diálogo existe no sentido de que uma pergunta é feita e uma resposta é fornecida, mas o criador do tópico – no caso, Gomes – não replica nenhuma das respostas existentes; o criador não torna a interagir com os demais membros, ao menos não nesse mesmo tópico. Novamente, não é sempre que isso acontece: a própria comunidade “Campeonato Brasileiro 2006”, recém citada, abriga um considerável número de diálogos contínuos entre torcedores que se encontram simultaneamente *on-line*.

Como mencionado, a comunidade “Filmes de terror” (cerca de 79.000 membros), ou, mais especificamente, enunciados retirados dela, constituem o *corpus* desta pesquisa, juntamente com enunciados extraídos da comunidade “Mortes Inesquecíveis do Cinema” (aproximadamente 5.500 membros). A primeira foi criada especificamente para o debate ou exposição de idéias sobre filmes de terror, enquanto a segunda, teoricamente, engloba outros tipos de filme – contudo, na prática, os filmes de terror são muito mais abordados que os demais. É importante salientar que as duas fazem parte do grupo de comunidades que freqüentamos no *Orkut*.

Dentre os variados tipos de tópicos presentes em “Filmes de terror” e “Mortes inesquecíveis do cinema”, os mais freqüentes são aqueles cujo propósito é o de fornecer impressões sobre um filme em particular, de comparar filmes e de sugerir listas de melhor/pior filme. Como exemplo, temos, respectivamente, os tópicos “O que acham de ‘O bebê de Rosemary?’”, “A Profecia 666 OU Premonição 3?!” e “Qual o melhor filme de terror que já viu?”.

2. O discurso do outro e o estabelecimento de hierarquias Para a análise dos dados constituintes do *corpus*, utilizamos como base pressupostos teóricos do analista do discurso Michel Pêcheux – sua idéia de formação imaginária, principalmente, é a que nos interessará – e de Jacqueline Authier-Revuz, que se inscreve na linha francesa de análise enunciativa filiada a Émile Benveniste. Em sua teoria, Authier-Revuz articula contribuições de Bakhtin (noção do “dialogismo”), Lacan (noções do “outro” e do “real”) e do próprio Pêcheux (noção do “interdiscurso”).

Pêcheux, em sua *Análise Automática do Discurso (AAD-69)* (1993a), reflete sobre importantes questões como os lugares ocupados pelos falantes na estrutura de uma formação social e o conjunto de formações imaginárias que se estabelece entre os mesmos, ambas determinando as *condições de produção* do discurso (p. 77). Na *Análise do Discurso*, é o discurso que revela a relação entre a linguagem e a exterioridade; como pontua Eni Orlandi (1986), “há uma relação necessária entre o dizer e as *condições de produção* desse dizer” (p. 109) [grifo da autora]. Sobre a questão dos lugares ocupados pelos falantes, Pêcheux pontua que

A e B designam lugares determinados na estrutura de uma formação social, lugares dos quais a sociologia pode descrever o feixe de traços objetivos característicos: assim, por exemplo, no interior da esfera da produção econômica, os lugares do “patrão” (diretor, chefe da empresa etc.), do funcionário de repartição, do contramestre, do operário, são marcados por propriedades diferenciais determináveis. Nossa hipótese é a de que esses lugares estão *representados* nos processos discursivos em que são colocados em jogo (p. 82). [grifo do autor]

Ao explicar essa representação (lugares *representados*), Pêcheux afirma que os lugares estão presentes, embora estejam transformados:

(...) o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. Se assim ocorre, existem nos mecanismos de qualquer formação social regras de projeção, que estabelecem as relações entre as *situações* (objetivamente definíveis) e as *posições* (representações dessas situações) (p. 82). [grifos do autor]

Dessa forma, um jogo de imagens fica estabelecido. Levando em conta os lugares que os sujeitos se atribuem, uma série de questões implícitas entra em cena: “Quem sou eu para lhe falar assim?”, “Quem é ele para que eu lhe fale assim?”, “Quem sou eu para que ele me fale assim?”, “Quem é ele para que me fale assim?” (p. 83).

Dadas as posições enunciativas dos falantes (isto é, os lugares ocupados pelos mesmos), eles podem se encontrar em diferentes níveis de “poder”. Pêcheux (1993a) cita o exemplo do patrão em relação ao funcionário de repartição, ao operário etc. Suzy Lagazzi, em *O desafio de dizer não* (1988), fornece uma série de situações em que indivíduos possuem posições hierarquicamente diferentes. Em uma dessas situações, Lagazzi visualiza uma interlocução entre uma faxineira e a dona da casa onde trabalha. Segundo a autora,

existe uma hierarquia já pré-estabelecida entre os dois interlocutores, marcada pelas diferentes classes sociais a que pertencem, e que possibilita que uma seja empregada da outra. Na medida em que P é a *dona* da casa, ela é quem pode mandar (...) A dominação/dependência econômica faz com que a última palavra acabe sendo de P, de quem pode desempregar e, por isso, mandar (p. 71). [grifo da autora]

Estamos aí diante de um poder institucionalizado. As posições enunciativas de patroa e de empregada são hierarquicamente distintas. Já o ambiente de onde foram recolhidos os dados do *corpus* analisado nesta pesquisa proporciona um diferencial: a posição enunciativa dos indivíduos é a mesma. Todos eles são membros de comunidades do *Orkut* sobre filmes de terror; nenhum é, em princípio, hierarquicamente superior ao outro. Na prática, porém, é possível notar uma hierarquização, e o trecho a seguir demonstra isso:

Comunidade: Filmes de terror

tópico: A Profecia 666 OU Premonição 3?!

- [thiciane](#) - **A Profecia 666 OU Premonição 3?! 22/05/2006 08:20**

qual dos dois filmes que irão estrear agora em junho, você está esperando mais?!

eu ctz, a profecia. esse filme promete muuuuuuito!! hehe

;* e vcs?!

[Francisco](#) - **EU TAMBÉM PREFIRO A PROFECIA 22/05/2006 08:31**

O primeiro A profecia é um filmaço...Um clássico!! E o remake parece ser muito legal...Mas,duvido que supere o original (...)

[David](#) - 23/05/2006 07:39

A profecia...

Apesar de não botar muita fé nessa nova versão (para que refilmar um filme que já é perfeito ?),

acho que essa franquía Premonição é para "supostos" amantes de terror adolescente.

Um bando de desmiolados que acha que aprecia os verdadeiros filmes de terror !

[Murilo](#) - 24/05/2006 05:28

(...) Qnto ao Premonicao 3, o filme eh bom e tem mortes maneiras, afinal nao eh o q um filme de terror deve ter? Talvez eu seja um desmiolado mesmo q goste de diversao.. → (...)

A autora do tópico indaga sobre o filme mais esperado pelos demais membros da comunidade e, na resposta de um deles, podemos claramente perceber a distinção feita entre quem conhece (e aprecia) os “verdadeiros” filmes de terror e quem os desconhece ou não os aprecia: essas duas classes são colocadas como ocupantes de lugares bastante diferentes. Há uma relação de poder derivada não de algo institucionalizado, mas sim de um conhecimento/saber. David, em seu comentário, utiliza uma série de termos que marcam como negativa a imagem que ele tem de um grupo, considerado hierarquicamente inferior: esse seria composto por um “bando” – ao serem classificados como um “bando”, cada integrante tem sua individualidade desprezada – de “desmiolados” – pessoas que se encontram num estado de enlouquecimento – que “acham” – não passa de uma ilusão – que conhecem os “verdadeiros” – só conhecem os falsos, logo de má qualidade – filmes de terror. Além disso, são “supostos amantes” – sequer são amantes, o que remete à ideia de futilidade – de terror “adolescente” – como se não merecesse ser levado a sério. Provavelmente, David considera fazer parte de um grupo composto por “autênticos amantes do verdadeiro terror, um grupo de pessoas inteligentes, que apreciam os verdadeiros filmes de terror”.

Murilo, ao remeter ironicamente ao termo “desmiolado”, fornece sua concepção de filme de terror, que seria a de divertimento, e rejeita a posição de David ao mesmo tempo em que faz uso de um termo empregado por ele. O emoticon “☹” (*emoticons* são combinações convencionadas de caracteres que expressam determinadas emoções), cujos caracteres representam olhos voltados para o lado, em sinal de desprezo, demonstra rejeição, não-concordância com relação a algo, e Murilo o utiliza para repudiar a maneira como seu colega de comunidade havia se expressado.

Obviamente, não foi David que eventualmente decidiu quais seriam os “verdadeiros” filmes de terror. Authier-Revuz nos demonstra que é o *outro* o responsável por aquilo que dizemos e tomamos como verdade. A autora distingue duas formas de heterogeneidade na linguagem: uma que indica a presença marcada do outro no discurso – a heterogeneidade mostrada – e outra que consiste na própria natureza dialógica da língua – é a heterogeneidade constitutiva, da qual somente o Adão mítico poderia escapar, em virtude da ausência do já-dito. A autora enfatiza, em *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido* (2004),

o lugar dado ao outro na perspectiva dialógica, mas um outro que não é nem o duplo de um frente a frente, nem mesmo o “diferente”, mas *um outro que atravessa constitutivamente o um*. É o princípio fundador – ou que deveria ser reconhecido como tal – da subjetividade, da crítica literária, das ciências humanas em geral, etc (p. 25). [grifo da autora]

Em vários tópicos das comunidades analisadas, é possível perceber a presença do outro no discurso de seus associados:

Comunidade: Filmes de terror

tópico: ql é o filme?

Ana [K]arine - ql é o filme? 15/05/2006 18:43

tipo assim...

ele é mto trash

o pior de todos q já vi.

tem uma loira q depois de sofrer um trauma q eu naum lembro ql

fica trancada no apto dela e talz

aí ela resolvi sair

depois uma coisa verde q é o ex-namorado começa a perseguir e talz

é uma comédia assim

alguém teve o mesmo desprazer de assistir a esse filme e sabe o nome dele?

Rodolfo - Apos a morte 17/05/2006 11:01

o pior filme Q eu ja vi e olha Q eu gosto de kda coisa ruim

se for pra ver filme caseiro prefiro os pornôs

Como é possível perceber, Rodolfo, provavelmente de forma inconsciente, sabe da existência de um saber compartilhado que determina o que é bom e o que é ruim. Esse saber está tão fortalecido que ele acaba por produzir um comentário contraditório, pois ninguém iria gostar de algo que considerasse ruim. Certamente, para Rodolfo, os filmes pertencentes ao grupo de “coisa ruim”, na verdade, não são ruins, apenas receberam esse rótulo do conhecimento compartilhado – e tal conhecimento consiste no outro, *que atravessa constitutivamente o um*.

Comunidade: Filmes de terror

tópico: O que acham de ‘O bebê de Rosemary’?

Anônimo - **O que acham de 'O bebê de Rosemary'?** 07/04/2006 08:59

Há pouco tempo assisti a 'O bebe de Rosemary'... nao esperava tanto do filme, mas vi que realmente é uma obra de arte de primeira! (...)

Alguem viu?

João Paulo - 10/05/2006 06:49

Classico não se discute

Comunidade: Mortes Inesquecíveis do Cinema

tópico: Qual foi o melhor filme de terror?

Arthur - **Qual foi o melhor filme de terror?** 18/05/2006 18:57

na minha opiniao foi o panico na floresta.

e vcs qual vcs acham?

RG - 18/05/2006 19:59

Cala a boca, ô animal.

RG - 22/05/2006 08:30

tô saindo dessa comunidade pq aqui as pessoas só assistem filmes ruins, filmes comuns, filmes da modinha, filmes genéricos, filmes que passam no "cinema mais perto de você".

Com a análise de tópicos como os expostos acima, torna-se clara a forma como é estabelecida, por um considerável número de membros das comunidades, a hierarquia dos fãs de filmes de terror: há uma divisão entre os que apreciam os clássicos e os que não os apreciam, preferindo os filmes da atualidade. O discurso de João Paulo se representa “como *discurso da Verdade*, fora de qualquer especificidade histórica e individual” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 75) [grifo da autora]. Ele apresenta o clássico como indiscutível, como um saber a ser absorvido sem contestação. Por sua vez, o associado descrito anteriormente como anônimo (aparece assim por já ter encerrado sua conta no *Orkut*) demonstra marcadamente a presença do outro, ao dizer que *realmente* o filme em questão é uma obra de arte – se ele pôde *comprovar* se realmente era, esse conhecimento já existia anteriormente.

De personalidade menos tolerante, RG menosprezou a opinião de Arthur (concebido por ele como um “animal”), que – coincidentemente ou não – elegeu um filme atual como sendo o “melhor”. Para RG, “Pânico na Floresta” (*Wrong Turn*, 2003) é ruim, comum, “da modinha”, genérico (filme para animais?). Ressalte-se que, antes de RG postar o comentário informando que sairia da comunidade, outros associados expuseram suas opiniões sobre o “melhor filme”, sendo que receberam elogios, por parte de RG, aqueles que indicaram “O Iluminado” (*The Shining*, 1980), “O Bebê de Rosemary” (*Rosemary's Baby*, 1968) e “O Exorcista” (*The Exorcist*, 1973) – todos considerados clássicos.

RG, Rodolfo e outros, utilizando-se de saberes pré-existentes, acabam demonstrando a grande permeabilidade do ser humano à realidade da linguagem:

o sujeito rompe com esse caminho comum de negociação com a heterogeneidade constitutiva que constitui a denegação num discurso normal em que se exprime um sujeito. Na recusa ou, ao contrário, em uma espécie de permeabilidade total à realidade da linguagem – a heterogeneidade constitutiva – o sujeito desaparece para deixar o lugar ao discurso que, liberado do outro ou invadido por ele, de qualquer maneira, não lhe dá “um lugar” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 78).

Ao darem a “sua” opinião sobre o que constitui um filme “bom”, sobre o que forma um “verdadeiro” fã de filmes de terror, os sujeitos desta pesquisa estavam apenas legitimando um já-dito, apenas dando lugar a um discurso já existente. Ao se utilizarem desses pré-concebidos, eles acabaram praticando preconceito, inferiorizando quem possuía um posicionamento diferente do seu com relação aos filmes em questão.

3. Conclusão A presença do conjunto de saberes compartilhados acaba, muitas vezes, sendo responsável pelo estabelecimento de preconceitos em uma comunidade. No presente trabalho, analisamos uma comunidade virtual, existente no *Orkut*, dedicada à discussão de idéias sobre filmes de terror. Nesse contexto estrito, estabeleceu-se uma diferenciação preconceituosa entre fãs de filmes clássicos e fãs de filmes atuais. Contudo, não é difícil imaginar diversos outros contextos, virtuais ou não, onde esse tipo de saber é responsável pela criação de preconceitos.

Em suma, este artigo trabalhou, a partir de Michel Pêcheux e Jacqueline Authier-Revuz, com as noções de formação imaginária e presença do outro num ambiente de comunidade virtual proporcionado pelo

Orkut. Por meio de Pierre Lévy e Michel Serres, foram fornecidas importantes noções no que se refere à caracterização do ciberespaço. Percebemos a existência de um saber compartilhado que dá conta de que filmes de terror clássicos são “superiores” aos atuais; sendo assim, criou-se uma idéia preconceituosa, por parte de um determinado número de membros das comunidades analisadas, de que os fãs daqueles também se encontrariam num grau hierárquico superior, pelo menos em matéria de conhecimento sobre filmes de terror.

RESUMO: O presente trabalho analisa como as noções de formação imaginária, de Michel Pêcheux, e de presença do outro, de Jacqueline Authier-Revuz, funcionam em comunidades virtuais sobre filmes de terror do Orkut. Enfoca a maneira como membros daquelas comunidades se posicionam com relação a si e aos demais, que cria preconceitos.

PALAVRAS-CHAVE: Orkut; virtualidade; formação imaginária; presença do outro; preconceito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUTHIER-REVUZ, J. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. JONASSEN, D., PECK, K & WILSON, B. *Learning with technology*. Upper Saddle River, NJ: Prentice Hall, 1999. LAGAZZI, S. *O desafio de dizer não*. Campinas, SP: Pontes, 1988. LÉVY, P. *Cibercultura*. Traduzido por Carlos Irineu da Costa. 2.ed. São Paulo: Ed. 34, 1999. _____. *O que é o virtual?* (1956). Traduzido por Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996. ORLANDI, E. P. A Análise de Discurso: algumas observações. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, EDUC, v.2, n.1, p. 105-126, 1986. PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD-69). Traduzido por Eni P. Orlandi. In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3.ed. Campinas, SP: Unicamp, 1993^a. p.61-161. SERRES, M. *Atlas*. Traduzido por João Paz. Lisboa: Éditions Julliard, 1994. p. 114-196.